

O ENSINO DE LEITURA NA ESCOLA: A CONCEPÇÃO DE UMA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Francisca Verônica Pereira Moreira¹

Natalia Linhares Pereira²

Orientadora: Ma. Larissa Cristina Viana Lopes³

O presente artigo objetiva estudar a concepção de uma docente de Língua Portuguesa sobre o ensino de leitura. Para isso, realizou-se uma entrevista semi-estruturada com a professora de Ensino Fundamental II, em uma escola municipal de Patu-RN, com perguntas que indagam sobre o ensino de leitura em sala de aula, a fim de verificarmos sua visão acerca da leitura em sua própria prática. Com respaldos em discussões que abordam o processo do ensino de leitura, com Bagno (2006), Freire (1993 e 2005), as orientações dos PCNs (1997 e 1998) e dos Indicadores da Qualidade na Educação (2006), constatou-se que a visão da docente entrevistada atribui relevância à leitura em sala de aula e na vida do aluno em geral, considerando sempre o seu contexto; entretanto, apesar da ênfase ao trabalho com a diversidade textual, a entrevistada não foca o gosto pelo ato de ler estimulado em sala de aula.

Palavras - chave: Leitura, ensino, concepção docente.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura é de essencial importância nas práticas educativas e para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos em todas as séries e matérias escolares, pois é através da mesma que o indivíduo poderá aperfeiçoar a escrita, ter acesso aos diversos tipos de informações, ampliar seu vocabulário e, principalmente, ser impulsionado a pensar criticamente sobre os diferentes assuntos abordados no campo social e ser um sujeito ativo neste.

Enviesando por esta discussão, o presente artigo objetiva estudar a concepção docente sobre o ensino de leitura em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública de Patu-RN. Para isso, realizou-se uma entrevista com a docente da turma, com questões abertas e previamente elaboradas, que destacam aspectos referentes à como a leitura é trabalhada na sua sala de aula. A partir disso, investigam-se suas percepções acerca não apenas da importância da leitura na escola, mas do seu próprio trabalho.

Este trabalho está dividido em duas partes: na primeira delas, será discutida a importância da leitura e do ato de ler e de como o educador deve desenvolver esse papel,

¹ Graduanda do Curso de Letras do *Campus* Avançado de Patu – CAP, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

² Graduanda do Curso de Letras do *Campus* Avançado de Patu – CAP, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

³ Professora do Departamento de Letras do *Campus* Avançado de Patu – CAP, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa 1^a à 4^a série (1997) e Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa 5^a à 8^a série (1998), e os estudos de Freire (1993; 2005), Bagno (2006) e Brasil (2006), dentre outros; na segunda parte, será analisada a entrevista para verificação de qual a concepção de ensino de leitura da professora em questão, estabelecendo o confronto com as teorias abordadas.

2 Uma discussão sobre o ato de ler e o ensino da leitura

O ensino de leitura se configura como sendo um dos fatores de fundamental importância para a inserção do ser humano na sociedade, pois a ação de ler fornece ao leitor o acesso aos distintos tipos de informações, como também expande e incrementa o seu vocabulário, desenvolve a criticidade, aumenta o interesse na busca pelo conhecimento sobre assuntos diversos, além de estimular o leitor a posicionar-se e a pensar criticamente sobre as mais variadas questões.

É por meio do uso da leitura que o aluno adquire a consciência das suas necessidades, causando a sua transformação como ser pensante, adquirindo conhecimento de mundo, haja vista que “em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘re-escrita’ do lido” (FREIRE, 2005, p.21), há uma conexão entre a leitura e o mundo vivido por meio de uma releitura.

A leitura junto com escrita não devem ser definidas como uma simples decodificação de símbolos, todavia, como uma forma de expandir e desenvolver a visão de mundo e de si mesmo como participante da vida social: “A leitura e a escrita são muito importantes para que as pessoas exerçam seus direitos, possam trabalhar e participar da sociedade com cidadania, se informar e aprender coisas novas ao longo de toda a vida”. (BRASIL, 2006, p. 05).

O aprendizado da leitura na escola não pode formar o indivíduo apenas para saber ler e escrever como atividades mecânicas, porém, para que os educandos compreendam e possam fazer uso dela na sua vivência diária. Entretanto, para que isso aconteça é necessário oferecer ambientes e materiais diversificados que estimulem o gosto dos alunos pela leitura. Sendo a escola uma instituição com o objetivo, entre outros, de formar leitores, ela deve se tornar um canal para essa formação, possibilitando o acesso, o exercício e, conseqüentemente, o gosto pela leitura. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam que:

“ [...] quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é

indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes”. (BRASIL 1997, p. 36 e 37).

Com é indicado, os PCN mostram que não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura restritos, estes devem trazer a variedade de textos para que o discente tenha acesso e, por que não, liberdade de escolha também. Ou seja, deve-se utilizar mecanismos, ferramentas e materiais que estimulem as pessoas a gostarem de ler, para serem leitores não por hábito, como exercício mecânico, mas por prazer.

Os PCNs (1997) acrescentam que:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL 1997, p. 36).

Assim, o leitor, ao entrar em contato com a leitura, torna-se confiante, autônomo, tem acesso aos diversos tipos de conhecimentos e informações, tendo também a capacidade de organizar os diferentes sentidos atribuídos ao texto e contexto do aluno. Com isso ver-se a importância da significação do saber ler, pois propicia o conhecimento do mundo, reflexão, interação, confiança e autonomia e, assim, a prática e as estratégias de leitura em sala de aula necessitam ser ensinadas em situações ligadas ao contexto do aluno.

Essa perspectiva deixa claro que a escola como instituição educacional que forma e prepara o sujeito para viver em sociedade, deve apresentar uma proposta pedagógica que contemple os objetivos dos usos da leitura e escrita em cada etapa de escolaridade. Segundo Freire (1993, p. 11) “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”. O leitor amplia seus saberes sobre as esferas da

vida sob as quais está organizado, isto é, o que ele sabe do campo social e de suas relações com este, crescem a partir do conhecimento da palavra.

Entende-se que os fazeres do ensino de leitura e escrita, organizados na escola, deve preparar os discentes que, ao encarar a realidade social, não basta unicamente saberem ler e escrever, contudo também ter o domínio do uso destas aquisições nas práticas sociais.

Para Bagno (2006), a leitura beneficia a remoção das barreiras educacionais, conferindo oportunidades mais justas de educação, é imprescindível usar táticas e mecanismos para que os nossos alunos tornem-se bons leitores, capazes de agir e pensar criticamente, tornando-se cidadãos conscientes do seu papel na escola e na sociedade.

Dessa forma, o educador tem o papel de motivar os educandos a adquirirem o gosto pela leitura com aulas que proporcionem o contato com a diversidade de textos existentes, e assim fazer com que os alunos compreendam a leitura como algo interessante e desafiador, que lhes dará autonomia, confiança e independência.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.49) mostram que “as atividades de leitura, o trabalho de reflexão sobre a língua é importante por possibilitar a discussão sobre diferentes sentidos atribuídos aos textos e sobre os elementos discursivos que validam ou não essas atribuições de sentido”. Assim compreende-se que o trabalho com a leitura permite a reflexão sobre a língua, instituindo-se numa forma de discussão, interação possibilitada pela leitura, os sentidos atribuídos ao texto, permitindo ao leitor a aquisição de vários pontos de vista.

Nesta mesma perspectiva, Freire (1993, p. 11) relata que:

A importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.

Com a leitura colocada para o aluno no começo da sua formação escolar e pessoal, o mesmo adquire habilidades e tem como resultado dessa atividade um bom desempenho nas suas reflexões, criticidade, ações como sujeito social e da escrita. O ato de ler é necessário para a formação (ou transformação) das pessoas como agentes sociais, porque a leitura é um exercício inesgotável para o saber. Isso significa presumir que *o ler* não é só uma obrigação escolar, ou porque alguém disse que era necessário ler e se informar sobre certo assunto, mas é gostar, ler porque isso traz prazer, traz crescimento, ampliação de conceitos, opiniões.

3 A concepção docente sobre o ensino de leitura na escola

A leitura é importante para todos os indivíduos, porque têm o direito e a necessidade de fazer uso dela, seja de quais gêneros forem, tendo em vista que o leitor é que utiliza essa leitura conforme suas precisões e gostos. Portanto, o leitor deve ter o gosto pela leitura estimulado, para que, com isso, seu senso crítico seja também estimulado e, assim, possa se situar melhor no mundo onde vive, na sociedade em que está organizado e nas suas participações como sujeito social

Com estes respaldos, passa-se a partir de agora à análise da entrevista semi-estruturada, realizada com uma professora que leciona a disciplina Língua Portuguesa no Ensino Fundamental Maior, numa escola municipal do município de Patu-RN.

A entrevista contém 8 (oito) perguntas que percorrem do ensino de leitura à prática docente, com as quais espera-se obter as concepções da professora sobre os temas mencionados, confrontando com os fundamentos teóricos anteriormente expostos neste trabalho.

Com algumas considerações sobre o que enfatizam os PCNs de Língua Portuguesa em relação ao trabalho com a leitura e o seu intuito de formar leitores e escritores competentes, perguntou-se como é desenvolvido o trabalho com o ensino de leitura na sala de aula. Eis a resposta:

1. Desenvolvo através de exposição em roda de conversas, texto expositivo, exposição oral, seminário, entrevista, leituras alternadas, ritmadas e entoadas de textos dos gêneros textuais como, por exemplo: carta, bilhete, fábula, poema, crônica, conto e etc. Sejam eles orais ou escritos, promovendo momentos de interação e socialização em sala de aula.

A docente em questão demonstra que utiliza-se de momentos que envolvem os seus alunos em diversos tipos de exposições, sendo elas orais e escritas e, assim, faz uso de diversidades textuais, oferecendo um leque de possibilidades de leitura para os alunos. No entanto, não ficou claro quanto ao *como* isso se desenvolve, que atividades ou exposições são essas e de que maneira são executadas na aula. A entrevistada enfatizou *o que* usa e não *como* usa os recursos no desenvolvimento das aulas de leitura, contudo ressalta os momentos de interação e socialização que essas aulas promovem. Sobre isso, os PCNs (1998) afirmam que:

Uma rica interação dialógica na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos [...]. (BRASIL, 1998 p. 24)

Sendo assim, no processo de aprendizagem da leitura em sala de aula, o trabalho com a leitura diversificada possibilita interação/socialização entre aluno-texto, professor-aluno, aluno-aluno, e contribui de modo significativo para o educando, já que o texto abre uma gama de possibilidades de atividades em sala de aula (ou fora dela).

Prosseguindo com a entrevista, indagou-se sobre a percepção da docente a respeito de seus alunos conseguirem estabelecer significados com as leituras trabalhadas em sala de aula. A professora respondeu que:

2. Sim. Pois a leitura pra mim é de grande importância no cotidiano do aluno, pois é fundamental, porque ela produz significados positivos. Isto é de fato, nas turmas que ensino.

Com essa afirmação, a docente nos mostra segurança quando se refere à construção de sentido que o aluno forma nos momentos de leitura, embora ela não descreva ou indique como chega a este diagnóstico. A ligação que a professora faz entre leitura e cotidiano é algo que vale ressaltar, pois aponta para uma concepção de que ler e existir/viver são perspectivas e experiências que se entrelaçam. Freire (1993, p.11) mostra que “[...] aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vinculam linguagem e realidade”. Assim, quando os alunos entendem que os assuntos estão vinculados ao seu cotidiano, seu empenho é estimulado e passam a compreender a leitura como sendo significativa para a sua realidade.

Mais adiante, ao perguntá-la se a leitura é bem aceita entre os alunos quando trabalhada em sala de aula, a educadora diz:

3. Sim. Porque ensino em cinco turmas do 6º ao 9º do ensino fundamental II, e entre elas, há uma que é mais barulhenta. E sempre que vamos fazer leitura participativa, antes deles lerem, eles pedem para que eu leia, eles atentamente escutam e observam minha expressão, e se acontecer de algo tirar minha atenção, ou esquecer a vírgula que dá a entonação, por exemplo, um poema, eles logo dizem “volta professora, a senhora esqueceu de dar entonação na vírgula anterior”. Sinceramente, fico muito feliz porque sei que eles estão também adquirindo conhecimento na oralidade. Mas há também aqueles que têm dificuldade, não por não saber ler, mas pela timidez, então vou até eles e faço uma leitura em dupla, isso em meio

tom (eu e o aluno). Recitamos o poema alternando por estrofe. Vale salientar que isso acontece com uma minoria.

Com isso, percebe-se que a professora em questão usa de sua experiência como leitora para fazer a primeira leitura, a pedido dos alunos. Talvez eles compreendam melhor o texto com a leitura dela em voz alta, para que depois façam sua própria leitura e não sintam receio de ler para a turma toda ou expor sua compreensão do texto. A questão trazida na resposta da docente quanto ao conhecimento dos alunos sobre o respeito à pontuação no momento da leitura, mostra que, conforme o que diz a entrevistada, além de conhecerem bem a pontuação, eles entendem que esta, quando há, é necessária para uma leitura bem feita de um texto. Além disso, a professora diz trabalhar juntamente aos mais tímidos a leitura em voz alta, alternando com o aluno, tentando incentivá-lo ao ato de ler, ainda que este seja o interesse de poucos. Nesse segmento, Freire (1993, p. 9) enfatiza que:

[...] a construção crítica do ato ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção entre o texto e o contexto.

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, mas o que se compreende de um texto amplia a visão entre o texto e o contexto. Daí a importância do ensino de leitura no sentido de motivar discentes a ler.

É por isso que independente da metodologia que o professor adota nas suas aulas, o importante é que o mesmo ofereça um espaço favorável aos interesses de seus discentes para que aconteça a aprendizagem, o despertar e (se)constituir um leitor, para, com isso, formá-lo cidadão apto a ser um partícipe da sociedade em seus vários segmentos.

Nas questões 4 e 5, interrogou-se como a docente realiza atividades que incentivam a leitura, se costuma trabalhar com textos diversos e quais seriam. A professora nos falou que:

4 e 5. Sim. Trabalho com análise de texto, interpretação de texto e produções dos gêneros trabalhados. Costumo trabalhar com romance, contos, crônicas, teatro, seminário, etc.

É perceptível, novamente, que a docente trabalha na perspectiva da diversidade textual, citando os vários gêneros com que trabalha, numa sequência de análise, interpretação e produção desses. Para ela, então, o trabalho com os múltiplos gêneros pode promover o incentivo. Isso dialoga com a proposta dos PCN, mencionados no percurso teórico, com a importância dessa diversidade para a formação de leitores. Os PCN (1998) enfatizam a importância dos diversos gêneros trabalhados na sala de aula como sendo imprescindível, pois ampliam as distintas situações de ensino:

[...] necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. (BRASIL 1998, p. 23 e 24).

Assim, para que os educandos tenham empenho em ler, faz-se necessário usar mecanismos que estabeleçam estratégias de leitura diversificadas, pois é preciso desafiá-los e questioná-los, para torná-los confiantes no seu potencial como leitor em formação. E o professor, como orientador/mediador deste universo, é um condutor para auxiliar os seus alunos, e para que os mesmos possa compreender, usar a sua própria imaginação e refletir de forma a contribuir para a sua leitura (do texto, de mundo).

Prosseguindo nas questões 6 e 7, indagou-se três coisas: se a educadora se considera uma boa leitora; qual a prática de leitura entre os alunos; e se os mesmos costumam ler livros literários. A docente nos diz que:

6 e 7. Sim, me considero, pois já li vários livros, como a Bíblia Sagrada, livro de auto-ajuda, evangélicos; As parceiras, A moreninha, O alto da barca do inferno, entre outros. Os meus alunos praticam leituras entoadas, ritmada e dramatizada, e costumam ler livros literários.

Ser um professor leitor é imprescindível para formar leitores, para o desenvolvimento de atividades que motivem o gosto por ler. A docente expõe suas leituras entre gêneros religiosos, de auto-ajuda e literários, no entanto, não explicita as leituras dos alunos quando diz que são “entoadas, ritmadas”, se são poemas ou cordéis, por exemplo. E quanto à literatura, ela também não aponta diretamente para este trabalho em sala de aula, só confirma que os alunos leem textos literários, apesar de não fazer ligação íntima dessa prática dos alunos com a sua prática pedagógica.

Ao final da entrevista com a professora, perguntou-se qual a importância da leitura para a construção de alunos leitores capazes de construir significados. A educadora responde que:

8. É de grande relevância, porque, na desenvoltura vivenciada e praticada ativamente no cotidiano do aluno, com certeza lhe trarão bons resultados positivos (sic) na aprendizagem, uso de suas construções textuais.

A docente ressalva a importância da leitura na construção de sentido quando reforça, o que já disse antes, a leitura acoplada ao cotidiano do aluno, não somente à aprendizagem entre os muros da escola, e também o vê como produtor de textos quando cita o “uso de suas construções textuais”.

Para se formar um leitor competente, é preciso desenvolver no educando o gosto pela leitura de modo que ele compreenda o que lê e atribua a um texto os sentidos diversos presentes não somente no que está dito, mas naquilo que o texto não diz. Até que o próprio aluno em formação leitora se dê conta de como o ato de ler o transforma e lhe auxilia no desenvolvimento de competências primordiais para a vida social.

Percebe-se no decorrer da fala docente, que ela considera o trabalho com a leitura em sala de grande importância, pois desenvolve a socialização e interação dos alunos, utiliza-se dos diversos gêneros textuais, como também é uma boa leitora, e isso é um fato relevante para a formação de leitores de mundo, críticos, ativos e conscientes como cidadãos. Apesar disso, ela não relata com nitidez seu trabalho com leitura e, por isso, não cita uma metodologia nem expõe com nenhum detalhe como são as atividades desenvolvidas em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura possibilita prazer, aprendizado mais amplo da realidade e ajuda a preparar o indivíduo para uma sociedade cheia de desafios a serem alcançados. Este estudo acerca da concepção da professora de Língua Portuguesa, de Ensino Fundamental Maior, sobre a leitura em sala de aula, embora com algumas respostas imprecisas, indica que a leitura é importante no ensino e que a diversidade textual é um dos princípios para o trabalho com esta em sala de aula. A consciência da relevância do trabalho com essa diversidade mostra que a docente se preocupa com esse leque de possibilidades que a heterogeneidade de textos pode promover em sala de aula. O fato de considerar-se uma leitora talvez contribua para isso.

Não obstante, ela não aponta claramente como é o desenvolvimento do seu trabalho com essa diversidade textual, respostas como essa revelam que pode não haver um embasamento metodológico para o desenvolvimento dessas atividades, visto que a professora cita *o que usa*, mas não *como usa*. Mesmo, sua visão é de que a leitura deve ser trabalhada conforme a realidade do aluno, com que ele vivencia em seu cotidiano, naquilo que, para o aluno, pode ser fazer sentido.

Compreende-se, assim, que a concepção da docente sobre a leitura é de que deve haver incentivo, conforme o que se leva em conta do contexto de vida dos discentes. E, partir da diversidade textual, proporcionar aos leitores em formação um conjunto de escolhas e possibilidades que ele pode ter de acordo com as leituras que faz. Todavia, ela não cita, em nenhum momento, a leitura por gosto.

Portanto, de acordo com as respostas fornecidas pela docente, e suas concepções sobre o ensino de leitura em sala de aula, é que a leitura garante ao aluno a aprendizagem necessária para desenvolver a sua compreensão como leitor/cidadão, e com isso leva o aluno a compreender a leitura de forma utilitária para o seu conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Indicadores da qualidade na educação:** dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita/Ação Educativa. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília 144 A Ensino de 1ª à 4ª série, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares nacionais:** Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos /Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. – Brasília : A Secretaria, 1998.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** O que é. Como se faz 41ª Ed. São Paulo, Loyola, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1993.

_____, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completem. 46ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.